

---

# A produção do discurso competente: uma análise da *Revista Agitação*, do Centro de Integração Empresa-Escola

---

Antônio Luís Risso

Mestrando do PPGE – Uninove  
São Paulo – SP [Brasil]

Neste artigo, são apresentados os resultados parciais da pesquisa “A construção do discurso da competência: um estudo sobre a *Revista Agitação*”. Esses resultados cobrem o período que compreende a década de 1994 a 2004, marcado por um amplo movimento de reformas políticas do Estado brasileiro e que gerou profundas modificações na normatização dos processos educacionais. A escolha da revista justifica-se por se tratar de relevante canal de comunicação do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), vinculado à burguesia industrial, importante interlocutora nos debates sobre educação no período. O nosso objetivo inicial é o de compreender como a *Revista Agitação* contribui para a construção do discurso da competência. Dessa forma, entendemos também ser possível analisar tanto o CIEE quanto a *Revista Agitação*, como espaços de articulação e de construção do movimento que a burguesia industrial realiza com o objetivo de consolidar a hegemonia.

Palavras-chave: CIEE. Discurso da competência. Perfil profissional. *Revista Agitação*.

# 1 Introdução

Este artigo é a expressão dos resultados parciais da pesquisa que estuda a *Revista Agitação*, periódico do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), no período de 1994 a 2004, mais especificamente, as edições de número 30 a 46 – de outubro de 1999 a agosto de 2002. De publicação bimestral, hoje em seu 70. número, a *Agitação* tem tiragem de 86 mil exemplares.

Escolhemos esse periódico com o objetivo inicial de analisar a produção do discurso da competência numa revista dirigida ao estudante estagiário. Essas primeiras notas já se mostraram suficientes para apontar que o CIEE, por pertencer à FIESP, é instituição orgânica da burguesia nacional, que, por meio de sua prática social materializada na *Revista Agitação*, empenha-se na produção de um vínculo entre “educação” e “trabalho”.

O recorte temático de nosso projeto se deu em três movimentos que fizeram figurar (1) o CIEE, por sua inserção nos espaços educacionais; (2) a *Revista Agitação*, por seu papel na difusão do pensamento empresarial e de mediação na relação “trabalho” e “educação”, por intermédio da seleção de estagiários e demais práticas culturais (publicações, eventos, cursos, prêmios, fomentos) e (3) as edições desse periódico no período de 1994 a 2004, como base empírica desta pesquisa, por coincidir com o espaço temporal de produção do discurso da competência no Brasil e de grande parte dos documentos oficiais sobre a educação.

O problema inicial, que orientou a exploração da materialidade empírica desta pesquisa, consistiu em investigar como o CIEE, por intermédio da revista, contribuiu para a produção do discurso sobre as competências do

trabalhador. Tal dimensão, porém, sofreu um deslocamento, terminando por focar outros elementos dados no processo de pesquisa.

Para encaminhar a análise dos princípios defendidos nas matérias publicadas na *Revista Agitação* e nossa reflexão sobre sua condição de veículo de difusão de idéias e formadora de opinião, devemos enfrentar a complexidade de seu processo de realização como prática que incide sobre a relação formação-trabalho.

A leitura dos volumes referidos da *Revista Agitação* reorientou nosso olhar, e o processo de investigação seguiu fielmente a seqüência de apresentação dos textos, o que permitiu observar a recorrência de temas em textos do mesmo número/edição, tais como mercado de trabalho, profissões em destaque e elementos comportamentais do profissional e do estagiário. Desses, destacaremos os dois últimos.

## 2 Educação

Segundo o número 55 de *Agitação*, o CIEE surgiu em 1963 quando “[...] um grupo de empresários e educadores acreditava que um dos caminhos para construir uma nova sociedade era apostar na melhoria da formação educacional e profissional dos jovens.” (AGITAÇÃO, n.55, p. 50).

Assim, em 24 de março de 1964, deu-se a primeira assembléia para constituição do CIEE, cujo objetivo seria a:

[...] criação de uma instituição apolítica, sem intuito lucrativo, de utilidade pública e de fins filantrópicos (p. 51), [...] com vocação para o desenvolvimento social e foco na promoção de estágios de qualidade para estudantes

nas empresas, como forma de proporcionar a aplicação prática dos conhecimentos obtidos nos bancos escolares. (AGITAÇÃO, p. 52).

Com tal intuito “[...] a alternativa para financiar essa empreitada [...]” seria “[...] buscar recursos junto à (sic) iniciativa privada, prestando serviços inteiramente gratuitos aos estudantes e às escolas.” (AGITAÇÃO, p. 52).

As palavras de Victório D’Achille Palmieri, primeiro presidente executivo do CIEE, desenhem o propósito de a instituição responder à expectativa criada pelo divórcio entre empresa e academia:

Não raro têm ocorrido desastres recíprocos: a empresa se desilude com os estudantes e o estagiário passa a ser vítima de uma frustração tecnológica, com conseqüências imprevisíveis... Daí a preocupação do CIEE em promover uma campanha de doutrinação prática e objetiva em torno do estágio.

Essas considerações já anunciam parte dos objetivos dessa instituição de promover uma relação entre o mundo da empresa e o da academia, no sentido de produzir uma associação necessária entre educação e produção (materializada na profissão), ou melhor, educação e trabalho.

A revista ainda afirmava que:

[...] para vencer essas barreiras e dotar de pragmatismo as relações educação/trabalho, surgiu o estágio, como ponte entre os universos da escola e da empresa, e criou-se o CIEE como o ins-

trumento administrativo adequado ao sucesso da nova figura de agente de integração. (AGITAÇÃO, n. 60, p. 28).

A *Revista Agitação* apresenta o CIEE como entidade de perfil filantrópico, voltado para ações de promoção da inclusão social. Tal perfil, entretanto, implica uma dificuldade, a nosso ver, pois precisa conciliar conflitos, característicos de uma sociedade complexa como a brasileira, que se revelam nas relações “capital-trabalho e formação profissional- trabalho”. Vejamos a edição número 38 (mar./abr. 2001): “1. É muito importante se preparar para um estágio. Ou você acha que é só no vestibular que existe concorrência?” ( p. 3); “2. [...] Investa nos estagiários do CIEE. O retorno você tem em produtividade e benefícios” (p. 23).

Como se pode notar, em (1) a voz da revista, que se confunde com a da instituição (CIEE), dirigindo-se a um interlocutor estudante, defende a existência de uma concorrência entre estagiários, assumindo, portanto, que não existem vagas para todos os proponentes desse processo. Já em (2), a mesma voz (já referida e caracterizada) defende que o estágio se reverte em produtividade e outros benefícios, tendo como interlocutor o empresário ou, se quisermos, a empresa.

Por seu turno, a revista número 43 discute a consolidação do papel do CIEE como entidade do Terceiro Setor, “[...] promovendo a aproximação entre os setores empresarial e acadêmico” (p. 52).

Para minimizar esse conflito – expresso pelas categorias “capital”, “trabalho” e “educação” e pelos sujeitos sociais que os representam – entre empresários, trabalhadores e universidades, a revista difunde o argumento dos “ga-

nhos mútuos”, aplicado quando se refere aos temas “voluntariado” e “estágio”.

Já a edição de número 44 (mar./ abr. de 2002), que também traz o balanço social da instituição, apresenta a missão institucional – “[...] oferecer soluções que contribuam para a capacitação profissional dos estudantes, visando à sua integração no mercado de trabalho” –, frisando, em termos gerais, sua atuação responsável, o compromisso com o desenvolvimento sustentável e a qualidade e a sintonia com a realidade. Em termos específicos, destaca o crescimento institucional e a busca por ser referência em estágios de estudantes, capacitação de jovens, orientação, atendimento e informação. Sua visão é “[...] ser reconhecida como a maior e melhor instituição brasileira na interação educação e trabalho”.

Cabe observar que há instrumentalização do processo de profissionalização como elemento de consolidação da cidadania, ou seja, que vê a cidadania como dependente da profissionalização, que remete a um conceito de cidadania cujos limites se encontram no profissional. Daí acreditarmos ser relevante uma reflexão política e não técnica das concepções que esses perfis profissionais canalizam, principalmente, porque os perfis que o CIEE difunde são aqueles requisitados para exercer papel de liderança, assumindo postos de comando e responsabilidades de gestão de pessoas. A própria revista dissemina, em textos de entrevistados, que há uma demanda por estágio oriunda de empresas e outra, muito maior, de estagiários, sinalizando que esses postos de estágio são em número limitado, para uma elite que aqueles perfis desenham. Paralelamente, a instituição seleciona os perfis profissionais “adequados” aos perfis “exigidos” pela empresa e isso significa uma cidadania baseada na profissão e num determi-

nado perfil profissional requerido pelo setor produtivo e que constitui essa elite profissional, tratando-se, dessa forma, de uma cidadania para uma elite.

Entre os objetivos declarados pela revista, especificamente sobre o Programa CIEE de Desenvolvimento Estudantil estão (a) “fornecer subsídios para a formação acadêmica dos estudantes através da vivência de situações práticas do exercício da profissão” e (b) difundir “informações características exigidas pelo mercado de trabalho”.

A revista *Agitação* produz propostas para a Educação, mediadas pelo recurso da entrevista e do depoimento, expondo determinadas opiniões. Ao fazê-lo, difunde-as, assumindo-as:

- a) educação a distância;
- b) municipalização do ensino;
- c) políticas para a educação implementadas nos últimos anos;
- d) flexibilização do ensino superior;
- e) métodos não-convencionais de ensino;
- f) interação entre universidade e mercado de trabalho;
- g) papel da universidade na formação de professores para a educação básica;
- h) currículos dos cursos superiores baseados em projetos que fomentem a participação e os serviços à comunidade como elemento de formação profissional e superação do caráter técnico dos currículos, sob a ameaça das universidades corporativas que promovem treinamento, tirando da academia seu posto de honra como agência de formação;
- i) formação pela competência, para além de uma voltada para o diploma;

- j) cursos seqüenciais, como alternativa ligeira, para a formação direcionada ao mercado;
- k) maior participação da iniciativa privada na pesquisa;
- l) manutenção do ensino de literatura, em oposição à decisão do MEC de desobrigar o ensino dessa disciplina.

### 3 Perfil profissional

Na materialidade textual analisada, encontramos expressões como “adequação, integração, exigências, estar preparado, ser fundamental que o estagiário apresente, determina sua aceitação no mercado de trabalho, treinar, como se preparar para o mercado de trabalho”, sugerindo a idéia de adaptação à cultura da empresa, induzindo a um consentimento ou aceitação de um dado ideário e contribuindo para diluir o conflito na/da relação Capital / Trabalho.

Essa condição de passividade a que o discurso expõe a figura do estagiário e do profissional aparece, contraditoriamente, em depoimentos que tomam o dinamismo e a criatividade como características do perfil profissional almejado pela empresa.

A revista divulga o CIEE como preparador de grupos que se submetem a processos de seleção e os respectivos modelos que os interessados devem adaptar-se, preconizando características como: apresentação pessoal, capacidade de comunicação/ negociação/persuasão, criatividade, dinamismo/iniciativa, espírito empreendedor, flexibilidade para adaptar-se a outras funções, liderança, poder de planejamento/ organização/decisão, postura, relacionamento interpessoal (saber trabalhar em equipe), boa

formação cultural, domínio de outros idiomas e de informática e capacidade para realizar várias tarefas. Daí fazer estas recomendações sobre “como se preparar” (AGITAÇÃO n. 30, p. 20):

[...] participe de programas de estágio, faça um curso generalista na graduação – como engenharia ou administração – e depois parta para a especialização com uma pós-graduação, leia para manter-se informado, sendo o ideal um jornal, diariamente, e revistas semanais, leia também para ampliar sua cultura – desde literatura científica até a clássica, como Machado de Assis e outros grandes autores, faça cursos de informática e idiomas e aplique seu tempo em sua formação (vá ao cinema; se possível, viaje; vá a museus e exposições).

Pudemos observar referências a capacidades pessoais pouco dependentes de uma preparação tópica e muito dependente de uma história de preparação, além de capacidades como liderança e criatividade.

Já no artigo “Os primeiros passos”, do mesmo volume, aparecem como exigência “conhecimentos técnicos e acadêmicos” ao lado de “poder de argumentação” e a menção à necessidade de desenvolver as “habilidades” e os “conhecimentos” dos jovens para que possam orientar-se na escolha da carreira profissional – formação acadêmica, cursos, instituições de ensino e processo decisório da profissão (p. 22). Também no artigo “O desafio é aprender sempre” (p. 28), recomenda-se que, para sobreviver no mercado, há necessidade de não se acomodar, pois o mundo seria de quem aprende a mudar e a correr riscos.

Abordando o tema “emprego”, a revista expõe dicas para salvar o emprego: “muita calma e profissionalismo garantem o lugar na empresa”. Por essa razão, destaca que “tornar-se um agente da mudança é a melhor atitude para quem quer salvar seu emprego”.

Notamos ainda que, na relação estagiário-comunidade, o mercado se vê contemplado no continente “comunidade”. Essa relação, aliás, é considerada de forma unilateral, com vistas ao sucesso futuro do estudante frente ao mesmo mercado, o que resultaria não em um conhecimento da realidade das comunidades para sua incorporação à cultura da pesquisa e do pesquisador como potencial elemento de intervenção na produção acadêmica, mas na abertura de canais para o estagiário, numa expressão individualizante do voluntariado e instrumentalizante dessas comunidades.

É o caso particular do artigo “Escola aproxima estudantes da comunidade” (AGITAÇÃO n. 30), cuja formulação introduz a Universidade Federal da Bahia (UFBA) em um projeto de contato com as comunidades e a seguir (p. 15) entra com referência ao mercado, autorizando a leitura de que comunidade inclui mercado, ou seja, mercado é comunidade.

Esta pesquisa tinha a expectativa de encontrar, nos documentos estudados, uma clara visão sobre as chamadas competências e habilidades a construir na educação. No entanto, a referência a tais termos ocorre comedidamente, conforme se vê a seguir:

a) “Nos últimos três anos, depois que a Internet perdeu o caráter apenas institucional, esse tipo de comércio vem se intensificando, assim como a procura por profissionais capazes de desempenhar,

com competência, as novas funções.” (AGITAÇÃO n. 30, p. 30);

b) “... vi como é grande a organização e a competência de vocês.” (AGITAÇÃO n. 32, p. 7);

c) “Para ter sucesso, jovens às vésperas do vestibular e universitários precisam desenvolver novas competências e talentos para corresponder ao perfil profissional exigido pela nova economia que domina o mundo neste início de terceiro milênio” (AGITAÇÃO n. 32, p. 32);

A revista defende que o jovem deve começar cedo no mercado de trabalho e *que* “não basta mais só estudar, agora é preciso aprender para aplicar. A pessoa deve estabelecer uma harmonia constante entre o aprender e o aplicar” (AGITAÇÃO n. 32, p. 8). O mesmo artigo ainda afirma, explicitamente, na voz da revista *Agitação*, que “houve a superposição dos dois blocos (estudar / trabalhar)”. Nas palavras do headhunter Simon Franco, (p. 28), “hoje ser universitário é quase ser um analfabeto em nível superior no mercado de trabalho, principalmente na área dos executivos” e que, para se qualificar, a pessoa precisaria mais do que isso, “então se fala em MBA (Master Business Administration), pós-graduação, licenciatura, doutorado e até quinto grau, que é o pós-doutorado. Essa é tendência inevitável num mundo em mutação acelerada, onde tudo fica obsoleto tão rapidamente que está criando a figura do ‘aprendiz eterno”.

Com base nas palavras de Jean Pierre Marras, professor de administração de Recursos Humanos da PUC-SP e consultor de Administração e Recursos Humanos, a revista difunde o que seria mais um elemento caracterizador do perfil do profissional: até três ou

quatro décadas atrás, as empresas assumiam a responsabilidade de desenvolver talentos e investir na qualificação de executivos; hoje estão deixando de lado a idéia de obrigatoriedade de desenvolver talentos – em função do novo desenho de um mercado de trabalho globalizado, os profissionais abandonam a atitude passiva, de aguardar a iniciativa da empresa, e assumem posturas pró-ativas. Ou seja: “[...] eles mesmos planejam e investem em seu desenvolvimento [...] em função de sua empregabilidade.” Disso se segue que empresas (dada a redução de postos de trabalho e o aumento de candidatos a empregos) passam a ser mais rigorosas nos processos seletivos e o diploma deixa de fazer a diferença e passa a ser visto como credencial obrigatória. Pós-graduação, inglês e espanhol passam de *must* a naturalidade. Assim, Marras concluiria que “[...] esta é a tradução, na prática, do termo empregabilidade que é utilizado para designar o nível de atualização (ou desenvolvimento) de um profissional com relação às eventuais exigências do mercado de trabalho, na hora de competir face a uma oportunidade de emprego.”

Discorrendo sobre a diferença entre emprego e trabalho, a revista distingue que “[...] daqui a uns dez anos, só haverá trabalho!” e que segundo Waldez Luiz Ludwig, comentarista do programa Conta Corrente da *Globo News*, “[...] as empresas não querem mais um perfil de empregado, com carteira assinada ou não, mas sim um indivíduo empreendedor que administra a carreira profissional como se fosse uma empresa”. Esse ideário vai sendo desenvolvido com a idéia de que ser empreendedor significaria “aprender a correr riscos, amar o trabalho e tomar iniciativas”, concluindo-se com a voz de Ludwig, para quem “todo mundo nasce empreendedor, faz parte da natureza humana [...]

esse espírito empreendedor vai sendo bloqueado pela educação familiar e pela escola”.

Cabe também aqui a consideração de que se se pensar empreendedorismo como espírito de competitividade, naturaliza-se a competitividade nessa proposição. Ao mesmo tempo, a mesma proposição desqualifica as ações educativas da família e da escola, o que contribui para reiterar o que já se apontou anteriormente sobre o item (b) educação neste artigo.

A revista reproduz as palavras do consultor Max Gehringer, para quem

[...] a palavra agora é adaptação: quem entra no mercado deve estar preparado para mudar de rumo várias vezes, algumas delas radicalmente. E mudar de rumo não significa apenas mudar de área, mas também de estado ou país [...]

e – de modo realista – constata que

[...] nunca houve tanta gente tão preparada para assumir cargos e funções importantes nas empresas, mas não há cargos e funções importantes para todo mundo. Isso é uma maravilha, mas só para as empresas, elas podem escolher a dedo seus colaboradores.

Agitação termina afirmando que “[...] para se destacar dos o ‘obrigatórios’ para quem disputa trabalho em uma empresa sólida [...]” e, ainda uma vez apoiando-se em Gehringer, “[...] o diferencial se resume a duas coisas: rede de contatos e visibilidade [...]” (p. 37).

Em entrevista de Roberto Macedo já citada (AGITAÇÃO n. 33, maio / jun. 2000, p. 8-9), o professor da USP afirma que “[...] o mercado

de trabalho quer o especialista generalizante ou eclético, isto é, uma pessoa competente numa área mas capaz de dominar outras se necessário.”

Dois outros caracteres contribuem para desenhar o perfil profissional defendido pelo periódico: (1) a ética:

Com o avanço tecnológico, o preparo técnico deixou de ser um diferencial maior entre as pessoas que querem desempenhar um trabalho profissional. O perfil da personalidade do profissional, sua conduta ética e sua maturidade passaram a ser vantagem competitiva nos processos de seleção de empresas de pequeno, médio e grande porte. Dificuldades técnicas podem ser superadas com treinamento, ao passo que caráter não se modifica apenas com cursos ou estudo. (p. 22-24).

(2) o conhecimento de outras culturas – “Nada mais interessante do que viajar para aprender. Vivenciar a cultura estrangeira é uma atividade cada vez mais procurada e valorizada.” (p. 28).

O perfil profissional ganha novo contorno com a reflexão da revista *Agitação* número 41 (set. / out. 2001, p. 7), “Considerações” assinado por Demério Lourenção, SP), em cuja coluna “Cartas”, um leitor apresenta a diferença entre “gerenciar” e “empreender”, arrolando que “[...] não são raros os casos de grandes executivos [que,] ao se desligarem de empresas, tentam empreender outra atividade de pequeno porte, com resultados desastrosos, pendendo as próprias economias acumuladas durante anos.”

Essa distinção, que se encorpa ao longo da edição 41, parece autorizar a inferência de que, enquanto gerenciar estaria para carreira o que empreender estaria para empreendimento. Entretanto, essa questão parece complexa porque, contraditoriamente, um dos quesitos requeridos do novo perfil profissional é o espírito empreendedor. Na coluna “Mercado”, o texto “Espírito empreendedor impulsiona carreira” (p. 20), destaca-se que, “[...] uma vez descoberto e reconhecido, o espírito empreendedor deve ser adubado e cultivado.” Dá, portanto, para supor que a revista mantenha uma lógica interna, em que um tema começa a ser introduzido, lembrado e confirmado.

#### 4 Considerações finais

Em síntese, o que se pôde constatar é que *Agitação* exerce papel de formadora de opinião, em particular, na caracterização de perfis profissionais, com destaque para a capacitação voltada às exigências do mercado em detrimento das concepções construídas com o apoio da subjetividade e dos parâmetros da academia.

Não está fora de propósito, portanto, concluir que a revista *Agitação* cumpre sua função de difundir um desenho de formação profissional e, por conseguinte, de uma concepção de educação que o CIEE e suas instâncias de pertencimento almejam: cujos conteúdos se dirigem à aplicação e não meramente à pesquisa básica. No entanto, o perfil profissional que se compõe, afinal, é deformado: de um lado, passivo, adapta-se a um conjunto de exigências e, de outro, competente, no qual prevalece a criatividade, controlada, específica, própria do mundo da aplicação.

**The production of the competent  
discourse: an analysis of the Agitação  
magazine of Business and School  
Integration Center**

In this article, it is presented the partial results of the research “The construction of the discourse of competence: a study about the Agitação magazine”. These results covered the period that includes the decade from 1994 to 2004, marked by an ample movement of politic reforms in the Brazilian State that generate deep modifications in the normatization of educational processes. The choice of this magazine is justified by the fact that it is a relevant channel of communication of the “Business and School Integration Center”, entailed with the industrial bourgeoisie, important interlocutor in the discussion about the education in the period. Our initial intent is to comprehend how the Agitação magazine contributes to the construction of the discourse of competence. Thus we understand that is also possible to analyze the CIEE and the Agitação magazine as spaces of articulation and construction of the movement that the industrial bourgeoisie realizes with the aim of consolidating the hegemony.

**Key words:** Agitação magazine. CIEE. Discourse of competence. Professional profile.

## Referência

REVISTA AGITAÇÃO, 1994-2004, Centro de Integração Empresa-Escola, São Paulo.

